

## Apagamento dos róticos em coda silábica no falar londrinense: um estudo com dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos<sup>1</sup>

### Rhotic deletion in syllabic coda in Londrina speech: a study with data from the “Covid-19: Experiências e Relatos Project”

Amanda Maria da Silva Martins<sup>2</sup>, Dircel Aparecida Kailer<sup>3</sup>,  
Suely Cláudia Lobato Maciel<sup>4</sup>, Édina de Fátima de Almeida<sup>5</sup>

#### Resumo

Entendendo que o conhecimento sobre variação linguística colabora para eliminar o preconceito, promover o respeito à diversidade e propiciar a inclusão, o presente trabalho tem como objetivo investigar o apagamento<sup>6</sup> do /R/ em coda silábica no falar culto dos moradores de Londrina e Região Metropolitana, a partir dos dados de oito entrevistas do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos e dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008). A variável em estudo corresponde à não realização do /R/ em coda silábica *versus* a realização desse segmento. Os contextos estudados foram: cidade de residência, cidade de origem, faixa etária, sexo, trecho da entrevista, posição do R na coda silábica, número de sílabas, classe gramatical, vogal da sílaba alvo, contexto seguinte, tonicidade da sílaba alvo e se houve ressilabação. A classe dos verbos, as vogais posteriores arredondadas, as mulheres e os mais jovens foram as variáveis mais favoráveis à aplicação da regra de apagamento dos róticos no falar dos entrevistados, segundo os resultados. A partir desses dados, hipotetizamos uma mudança em progresso quanto à apócope do /R/ em coda silábica externa de verbos em contexto menos monitorado, conforme destacam Almeida e Kailer (2020), e de que essa variante possivelmente não sofre estigma social.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Róticos; Apagamento; Coda silábica; Londrina.

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de Iniciação Científica (IC) realizada por Amanda Maria da Silva Martins, tendo como contribuidoras Dircel Aparecida Kailer, orientadora da IC e do artigo, Suely Cláudia Lobato Maciel e Edina de Fátima de Almeida, revisoras e avaliadoras.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras-Português na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail:* amandamariadasilvamartins@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. *E-mail:* dircelkailer@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PPGEL-UEL), Londrina, Paraná, Brasil. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Pará (Seduc-Pará), Belém, Pará, Brasil. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Belém (Semec-Belém), Belém, Pará, Brasil. *E-mail:* suely.claudia.lobato@uel.br

<sup>5</sup> Doutorado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Paraná (Seed-PR), Curitiba, Paraná, Brasil. *E-mail:* edifatro@gmail.com

<sup>6</sup> Neste texto utilizamos os termos “apagamento”, “apócope” e “não realização” como sinônimos.

## Abstract

Recognizing that knowledge about linguistic variation contributes to cease prejudice, promote respect for diversity, and provide inclusion, this study aims to investigate the deletion of the /R/ in the syllabic coda in the formal language speech of Londrina and Metropolitan area residents, based on data from eight interviews from the “Covid-19: Experiências e Relatos Project” and on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008). The dependent that we are studying corresponds to the deletion of the /R/ in syllabic coda *versus* the realization of this segment. The contexts studied were: city of residence, city of birth, age group, gender, interview excerpt, position of R in the syllabic coda, number of syllables, word class, vowel of the target syllable, following context, tonicity of the target syllable, and whether there was an syllabic restructure. The results showed that the class of verbs, rounded back vowels, women, and younger individuals were the variables most favorable to the application of the deletion of the rhotic rule in the interviewees’ speech. Based on these data, we hypothesize an ongoing change regarding the deletion of /R/ in the external syllabic coda of verbs in a less monitored context, as highlighted by Almeida and Kailer (2020), and that this variant possibly is not socially stigmatized.

**Keywords:** Sociolinguistics; Rhotic; Deletion; Syllabic coda; Londrina.

## Introdução

Pautados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana (Labov, 2008), para a qual as línguas são sistemas heterogêneos e as variações que nela ocorrem podem ser sistematizadas e depreendidas por meio de regras linguísticas categóricas e variáveis, buscamos, no presente estudo, investigar o apagamento do /R/ em coda silábica (comer ~ comê, senhor ~ senhô), no falar culto dos moradores de Londrina e Região Metropolitana (RM) a partir de dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos<sup>7</sup>. Além disso, o trabalho também visa analisar quais fatores linguísticos e/ou sociais favorecem a aplicação da regra variável da não realização desse segmento no falar dos moradores londrinenses.

Sendo assim, primeiramente trazemos alguns estudos sobre a apócope dos róticos no falar

brasileiro que embasam nossas análises. Em seguida, apresentamos a metodologia adotada, o *corpus* da pesquisa, as variáveis analisadas e o programa para a análise quantitativa. Por fim, analisamos os resultados fornecidos pelo programa Goldvarb X e concluímos o presente artigo.

### *Apagamento do rótico em coda silábica*

Os róticos, segundo Ladefoged e Maddieson (1996), estão presentes em quase 75% das línguas naturais. Podendo, de acordo com Reinicke (2016), ultrapassar 21 variantes no falar de Minas Gerais. No entanto, mesmo tendo a possibilidade de tantos alofones, no Português Brasileiro (PB), temos apenas dois fonemas<sup>8</sup> (r-forte e r-fraco), com valor distintivo em ataque silábico (caro ~ carro)<sup>9</sup>, que se neutralizam em coda silábica (partir). Nesse contexto, objeto de nosso estudo, além de todas

<sup>7</sup> Aprovado CAAE sob o número 32156220.8.0000.5231 e financiado pela Fundação Araucária.

<sup>8</sup> De acordo com Kailer (2023, p. 175) “Há aqueles que defendem a existência de apenas um fonema rótico na subjacência, Lopez (1985) e Monaretto (2013), por exemplo, acreditam que esse fonema é o r-fraco, já Câmara Jr (1953) e Abaurre e Sandalo (2003) argumentam em favor do r-forte. Por outro lado, há também aqueles que explicam a existência de dois fonemas róticos na subjacência, o r-forte e o r-fraco, entre eles estão Bonte e Macaró (1996 *apud* Oliveria, 2006) e Câmara Jr (1977, p. 79), este muda de ideia e reconhece a existência de duas vibrantes e afirma que elas ‘só se opõem em posição intervocálica, com neutralização em outras posições [...]’ o referido autor destaca que o r-forte (vibrante múltipla, velar, uvular ou fricativa) opõe-se ao r-fraco (aquele que ocorre com apenas uma chicoteada da ponta da língua nos dentes)”.

<sup>9</sup> Dependendo da região e da etnia dos falantes, podem também se neutralizar em ataque silábico.

as variantes anteriores (tepe, flepe, aproximante alveolar ou retroflexa, vibrante múltipla) e posteriores (vibrante uvular ou fricativa velar ou glotal), há também, no PB, a possibilidade do apagamento desse segmento na fala que pode ou não trazer outros significados para a palavra (parta ~ pata, carta ~ cata, comer ~ comê, borboleta ~ boboleta).

Callou, Moraes e Leite (1997), em seu estudo dos róticos na fala urbana culta do Rio de Janeiro, atestaram a ocorrência de 66% de apócope em final de vocábulo. Os referidos autores destacam duas hipóteses para esse resultado, a primeira é a tendência à sílaba aberta no PB e a segunda o fato de a consoante que “fecha” a sílaba ser naturalmente “débil”, o que favorece um estado de relaxamento que, por sua vez, propicia o apagamento.

Callou, Moraes e Leite (1997) estudaram os róticos em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre e Recife) com dados do Projeto Gramática do Português Falado. Os autores verificaram o predomínio do tepe alveolar em São Paulo e Porto Alegre, da fricativa velar no Rio de Janeiro e em Salvador, e a prevalência da fricativa glotal em Recife. Os resultados apontaram um alto percentual de não realização, principalmente em coda final de verbos, nas cinco capitais.

Ainda segundo os autores, as diversas realizações dos róticos aparentemente traduzem o processo de enfraquecimento desse segmento que, em coda final, acarretam no seu apagamento seguindo a ordem:  $r \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$ .

Partindo dos dados de São Paulo e Porto Alegre, os estudiosos também concluíram que é possível tanto mudar abruptamente quanto pular etapas, já que em São Paulo, mesmo com a realização predominante do tepe em coda interna e a inexistência de fricativas glotais nos dados da pesquisa, há apócope, ou seja, houve uma mudança de etapa do tepe para o apagamento.

Monaretto (2013 [2000]), por sua vez, estudou a não realização da vibrante pós-vocálica na fala de três capitais do Sul do Brasil a partir de um *corpus* composto por 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL. A autora verificou um alto

percentual de apagamento (mais de 40%) nessas capitais, dos quais 81% ocorrem em coda externa de verbos e 87% quando o “r” constitui parte do morfema. Em seguida, as palavras com menor porcentagem de apócope são as palavras funcionais (preposições, pronomes e conjunções) com 20% de ocorrência e os não verbos (substantivos, adjetivos, advérbios) com apenas 5% de ocorrência. Já em Florianópolis, onde predominam as fricativas velar e glotal, a autora observa que o apagamento dos róticos se sobressai em relação às outras capitais do Sul.

É importante salientar que Monaretto (2013) observou que há, nas capitais da Região Sul, uma maior preservação da estrutura silábica em final de vocábulo em comparação com outras capitais do Brasil e que a não realização da vibrante no falar sulista brasileiro “é um processo que atua sobretudo em final de palavra” (Monaretto, 2013, p. 282).

Oushiro e Mendes (2014), por seu turno, ao estudarem o “apagamento de (-r) em coda nos limites da variação”, tiveram como objetivo testar a hipótese de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a qual afirma que as mudanças linguísticas em estado inicial ou final tem pouca ou nenhuma correlação com fatores sociais. A partir da hipótese supracitada e embasados na Teoria da Variação e Mudança Linguística, os autores concluíram que: 1) o apagamento em morfemas de infinitivo encontra-se em estágio final de mudança e não é socialmente condicionado; 2) a não realização na classe dos substantivos e adjetivos corresponde a uma variação estável e também não é condicionada por fatores sociais; 3) os encaixamentos social e linguístico ocorrem no estágio denominado pelos autores como “intermediário”, o qual considera apenas classes de palavras sem o morfema de infinitivo.

Além disso, os autores constataram que a variável Estilo mostrou-se bastante relevante, com 97% de apagamento dos morfemas de infinitivo em contextos de fala casual e com um decréscimo gradual no percentual de apócope nessa categoria de palavras conforme o estilo de fala tornava-se mais monitorado, apresentando os valores de 33%,

10% e 5% para a leitura de depoimento, leitura de matéria do jornal e leitura de lista de palavras, respectivamente. A partir disso, os autores propuseram que a realização do /R/ em morfemas do infinitivo ocorre devido às pressões normativas.

Rockenbach e Battisti (2021) investigaram a produção e a percepção do apagamento do /R/ em coda silábica no português de Porto Alegre - RS. As autoras verificaram 45,72% de apócope dos róticos em coda silábica. Elas concluíram que a não realização do R pós-vocálico é um fenômeno quase estritamente linguístico, visto que apenas a variável social renda teve correlação com o apagamento. Contudo, destacaram que havia apenas uma informante da classe C1 e que, para poder afirmar que esse fator desfavorece a apócope, seria necessário coletar dados de mais pessoas dessa classe social.

Por fim, após um teste de percepção, as autoras encontraram indícios suficientes para acreditar que a variável vibrante em coda silábica e seu apagamento possuem significação social para os informantes da comunidade de fala porto-alegrense. Elas também observaram que, em Porto Alegre, a apócope possui encaixamento quase estritamente linguístico, visto que quase todas as variáveis preditoras envolvidas no processo estão relacionadas ao contexto linguístico de realização.

Como vimos, a maioria dos estudos indica o contexto de coda silábica externa de verbos e contexto menos monitorado como os principais fatores que possibilitam a aplicação da regra de apagamento.

## Metodologia

O *corpus* desta pesquisa é composto por oito entrevistas pertencentes ao eixo educação oriundas do banco de dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos. Tais entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro que abrange perguntas referentes ao contexto familiar e geográfico do informante, à área da educação e às experiências e impactos da pandemia do coronavírus. O Projeto tem suas entrevistas categorizadas em quatro eixos

– saúde, educação, sociedade e cultura – e a escolha pelo eixo educação justifica-se porque temos como objetivo observar o uso do apagamento dos róticos na fala culta de moradores de Londrina e Região Metropolitana. Além disso, caso a apócope seja muito produtiva no contexto de fala desse grupo, podemos, mesmo que preliminarmente, cogitar uma possível mudança em progresso no uso da variante apagamento do “r” em coda silábica.

Das oito entrevistas selecionadas, quatro são de participantes homens (um natural de Londrina - PR e residente em Ibiporã - PR, um natural de Apucarana - PR e residente em Rolândia - PR e dois residentes em Londrina - PR, porém um natural de Cambé - PR e outro natural de Nhandeara - SP) e quatro são de participantes mulheres (uma com naturalidade e residência em Ibiporã - PR, uma com naturalidade e residência em Cambé - PR e duas residentes em Londrina - PR, porém uma natural de Carazinho - RS e outra de São Paulo - SP).

No que se refere à **variável dependente** do estudo, esta corresponde ao apagamento do /R/ em coda silábica *versus* a realização desse segmento. Em relação aos **condicionadores** investigados, deu-se enfoque aos **condicionadores extralinguísticos**: cidade de residência, cidade de origem, faixa etária (até 30 anos, de 31 a 50 anos e acima de 50 anos), sexo e trecho da entrevista. Já no que se refere aos **condicionadores linguísticos**, foram analisados, com base na relevância dos contextos mencionados nos estudos referenciados anteriormente, a posição do R na coda silábica (interna ou externa), número de sílabas, classe gramatical, vogal da sílaba alvo, contexto seguinte, tonicidade da sílaba alvo e se houve ressilabação.

O *corpus* constitui-se, portanto, do recorte de lexias que possibilitaram o uso dos róticos em coda silábica, que foram extraídos de três trechos da entrevista. Após o recorte dessas lexias, os dados foram transcritos foneticamente, codificados de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas previamente estabelecidas e submetidos ao tratamento estatístico por meio do programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), o qual forneceu dados em percentuais e em pesos

relativos (P. R.) que foram usados para fazer os quadros que serão apresentados na análise.

Cabe salientar, em relação à interpretação do peso relativo, que se este for menor que 0.5 significa que o contexto linguístico ou extralinguístico é desfavorável à aplicação da regra variável (no caso deste estudo, o apagamento do /R/ em coda silábica); se for igual ou próximo a 0.5 é neutro; e se for próximo a 0.9 é muito favorável à aplicação da regra variável. Caso o peso relativo seja igual a 0 ou 1 significa que não apresenta variação e, portanto, revela que o objeto da pesquisa não se trata mais de um caso de variação, mas sim de uma mudança linguística consolidada.

Em uma primeira análise, com dados tanto do /R/ em coda externa (sair ~ sai) quanto interna (porque ~ puke), optamos pelo foco nos casos de apagamento em coda silábica externa devido aos poucos casos em coda interna (das 317 ocorrências de apagamento, apenas 8 eram em coda interna). Tais resultados estão em consonância com os estudos de Rockenbach e Battisti (2021), Oshiro e Mendes (2014), Monaretto (2013) e Maciel,

Almeida e Kailer (2021) entre outros, que destacam a posição do rótico em coda final como fator favorecedor à não realização do /R/.

Além do foco em coda externa, também amalgamamos as variáveis com percentuais e características linguísticas semelhantes (como a junção de vogais altas anteriores, junção de vogais baixas, etc.) e excluimos aquelas que apresentavam *KnockOuts* (0 ou 100% de aplicação da regra de apagamento do /R/).

Após o processo de refinamento dos dados a partir dos resultados fornecidos pelo Goldvarb X, foram produzidos quadros e gráficos com os percentuais e pesos relativos que são apresentados na análise a seguir.

## Resultados e discussões

Nesta seção, apresentamos os resultados e as análises dos contextos considerados pelo programa Goldvarb X como os mais relevantes para aplicação da regra variável de apagamento dos róticos em coda silábica externa.

**Quadro 1** - Atuação da variável classe gramatical na implementação do apagamento dos róticos em coda silábica externa no falar londrinense.

| Variável - Classe gramatical        | Aplicação/Ocorrência<br>317/438 | Percentual<br>72,4% | P. R.<br><i>Input: 0.816</i> |
|-------------------------------------|---------------------------------|---------------------|------------------------------|
| Não verbos                          | 5/73                            | 6,8%                | 0.019                        |
| Verbos                              | 312/365                         | 85,5%               | 0.688                        |
| Significância = 0.026 <sup>10</sup> |                                 |                     |                              |

**Fonte:** próprias autoras com base nos dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos.

Conforme a leitura dos dados presentes no Quadro 1, podemos verificar que a classe morfológica dos verbos (P. R. 0.688) é o contexto mais favorável ao apagamento dos róticos (poder ~ podê, voltar ~ voltá). Essa tendência de não realização do “r” favorecido pelos verbos no infinitivo também foi observada nos dados de Monaretto (2013)

nas capitais da Região Sul (Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis). Segundo a autora, seus resultados atestam maior percentual de apócope na classe morfológica dos verbos e uma taxa de queda maior ainda quando o rótico constitui um morfema.

Cabe ressaltar que os resultados depreendidos no presente estudo divergem em parte daqueles

<sup>10</sup> Acreditamos que esse valor de significação possa ter relação com o número de ocorrências, o que resultou em não ortogonalidade em relação a determinadas variáveis.

observados por Monaretto (2013), especificamente sobre o papel das variáveis substantivos, adjetivos, advérbios, preposições, pronomes e conjunções. Em sua pesquisa, a autora observou que as três primeiras classes apresentam o menor percentual de apagamento, enquanto as três últimas encontram-se em um nível intermediário, com apócope menor do que a dos verbos, porém maior do que a dos substantivos, adjetivos e advérbios. No presente estudo, antes dos amálgamas e exclusões, verificamos que as classes substantivos, adjetivos, numerais e advérbios apresentaram-se categoricamente desfavoráveis à não realização do rótico; já as preposições, pronomes e conjunções apresentaram percentuais de apagamento muito baixos. Considerando a

semelhança no comportamento dessas classes, elas foram amalgamadas como “não verbos”.

Ainda sobre o falar do Sul, nossos resultados sobre o papel dos verbos encontram ecos no estudo de Rockenbach e Battisti (2021), com dados da fala de Porto Alegre, no qual as autoras verificaram que essa classe é favorável à apócope dos róticos. Divergindo, no entanto, em relação às conjunções, preposições e advérbios que se apresentaram como significantes à aplicação da regra de apagamento no estudo das referidas autoras, mas que neste não tiveram o mesmo comportamento.

A seguir, o Quadro 2 apresenta os resultados referentes ao papel da vogal da sílaba alvo no apagamento dos róticos em coda silábica.

**Quadro 2** - Atuação da variável vogal da sílaba alvo na implementação do apagamento dos róticos em coda silábica externa no falar londrinense.

| Variável - Vogal da sílaba alvo  | Aplicação/Ocorrência<br>317/438 | Percentual<br>72,4% | P. R.<br>Input: 0.816 |
|--|---------------------------------|---------------------|-----------------------|
| Vogal média-alta e média-baixa posterior arredondada [o, ɔ]<br>(temor [te'moɪ], melhor [me'ħɔɪ])   | 1/37                            | 2,7%                | 0.078                 |
| Vogal baixa central oral [a]<br>(voltar [vow'taɪ] ~ [vow'ta])                                      | 167/194                         | 86,1%               | 0.603                 |
| Vogal média anterior não arredondada oral [e, ε]<br>(ter ['teɪ] ~ ['te], tiver [ʃi'veɪ] ~ [ʃi've]) | 112/137                         | 81,8%               | 0.426                 |
| Vogal alta posterior arredondada oral [u]<br>(por mim ['puɪ'mi], por causa ['pu'kaʊzɛ])            | 4/29                            | 13,8%               | 0.772                 |
| Vogal alta anterior não arredondada oral [i]<br>(cumprir [kũ'priɪ], assistir [asis'ʃi])            | 33/41                           | 80,5%               | 0.596                 |
| Significância = 0.026  |                                 |                     |                       |

**Fonte:** próprias autoras com base nos dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos.

Segundo a interpretação dos dados expostos no Quadro 2, as vogais precedentes favoráveis à aplicação da regra de apagamento são [u] (P. R. 0.772), [a] (P. R. 0.603) e [i] (P. R. 0.596). Esse resultado encontra ecos em relação às vogais médias anteriores nos estudos de Rockenbach e Battisti (2021) e Monaretto (2013), que também verificaram essas vogais ([i, ε, e]), em contextos precedentes, como favoráveis à não realização. Outro estudo que também constata que as vogais precedentes

não arredondadas [i, ε, e, a] são favoráveis à aplicação da regra de apagamento do /R/ é o de Callou, Moraes e Leite (1997).

Entretanto, destacamos que, diferentemente dos dois estudos aqui mencionados, os nossos apontam a vogal /u/ como o contexto mais favorável à não realização do /R/. Se considerarmos o caminho para o apagamento proposto por Callou, Moraes e Leite (1997), os róticos anteriores tornam-se posteriores (fricativas velar, uvular ou glotal-aspirada)

e depois apagam, podemos pensar que uma vogal posterior tende a favorecer nesse processo por conta de seu ponto de articulação.

No terceiro quadro, apresentamos os resultados referentes à atuação do contexto seguinte no apagamento dos róticos em coda silábica externa.

**Quadro 3** - Atuação da variável contexto seguinte na implementação do apagamento dos róticos em coda silábica externa no falar londrinense.

| Variável - Contexto seguinte                                | Aplicação/Ocorrência<br>309/430 <sup>11</sup> | Percentual<br>71,9% <sup>12</sup> | P. R.<br><i>Input: 0.816</i> |
|---|---|-----------------------------------|------------------------------|
| Consoante bilabial  | 44/60   | 73,3%                             | 0.226                        |
| Consoante alveopalatal                                      | 17/27   | 63%                               | 0.139                        |
| Vogal baixa central oral e nasal [a, ẽ]                     | 51/61   | 83,6%                             | 0.802                        |
| Consoante alveolar  | 56/90   | 62,2%                             | 0.119                        |
| Vogal alta posterior arredondada nasal e oral [u, û]        | 40/52   | 76,9%                             | 0.721                        |
| Consoante velar   | 28/42   | 66,7%                             | 0.558                        |
| Vogal média anterior não arredondada oral e nasal [ɛ, e, ẽ] | 21/31   | 67,7%                             | 0.855                        |
| Vogal alta anterior não arredondada nasal e oral [i, î]     | 20/32   | 62,5%                             | 0.890                        |
| Consoante lateral   | 22/23   | 95,7%                             | 0.660                        |
| Vogal média posterior arredondada oral e nasal [õ, o, ɔ]    | 6/7   | 85,7%                             | 0.940                        |
| Pausa na fala   | 4/5   | 80%                               | 0.593                        |
| Significância = 0.026                                       |   |                                   |                              |

**Fonte:** próprias autoras com base nos dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos.

O contexto seguinte também foi selecionado como relevante para o apagamento dos róticos, conforme é possível verificar nos resultados do Quadro 3. Diante dos pesos relativos (0.940 para as vogais médias posteriores arredondadas oral e nasal [õ, o, ɔ]), podemos verificar o contexto das vogais posteriores como bastante favorável à apócope, o que também foi observado em relação à vogal [u] da sílaba alvo. Já no que diz respeito às consoantes, destacam-se aquelas com ponto de articulação lateral (P. R. 0.660) e velar (P. R. 0.558). Além disso, a pausa na fala também se demonstrou favorável em contexto seguinte ao rótico (P. R. 0.593).

Os contextos que se mostraram desfavoráveis, por sua vez, foram os das consoantes com ponto articulatorio alveolar (P. R. 0.119), alveopalatal (P. R. 0.139) e bilabial (P. R. 0.226). Esse resultado reforça nossa hipótese de que os segmentos posteriores podem favorecer a não realização dos róticos conforme a regra proposta por Callou, Moraes e Leite (1997) sobre a posteriorização, aspiração e apagamento dos róticos em coda silábica (as variantes róticas fazem o trajeto de anterior para posterior e, após aspiração, apagam-se). Ou seja, o contexto seguinte de vogais ou consoantes posteriores pode ser um ambiente propício para o processo de apagamento.

<sup>11</sup> Mudança no número de aplicações e ocorrências totais decorrentes do apagamento da variável glotal na rodagem dos dados.

<sup>12</sup> Mudança no percentual total decorrente do apagamento da variável glotal na rodagem dos dados.

Na sequência, no Quadro 4 são apresentados os resultados referentes ao papel dos contextos extralinguísticos selecionados pelo programa

Goldvarb X como os mais relevantes para aplicação da regra de apagamento dos róticos em coda silábica externa.

**Quadro 4** - Atuação da variável sexo na implementação do apagamento dos róticos em coda silábica externa no falar londrinense.

| Variável - Sexo       | Aplicação/Ocorrência<br>317/438 | Percentual<br>72,4% | P. R.<br><i>Input: 0.816</i> |
|-----------------------|---------------------------------|---------------------|------------------------------|
| Feminino              | 176/222                         | 79,3%               | 0.742                        |
| Masculino             | 141/216                         | 65,3%               | 0.252                        |
| Significância = 0.026 |                                 |                     |                              |

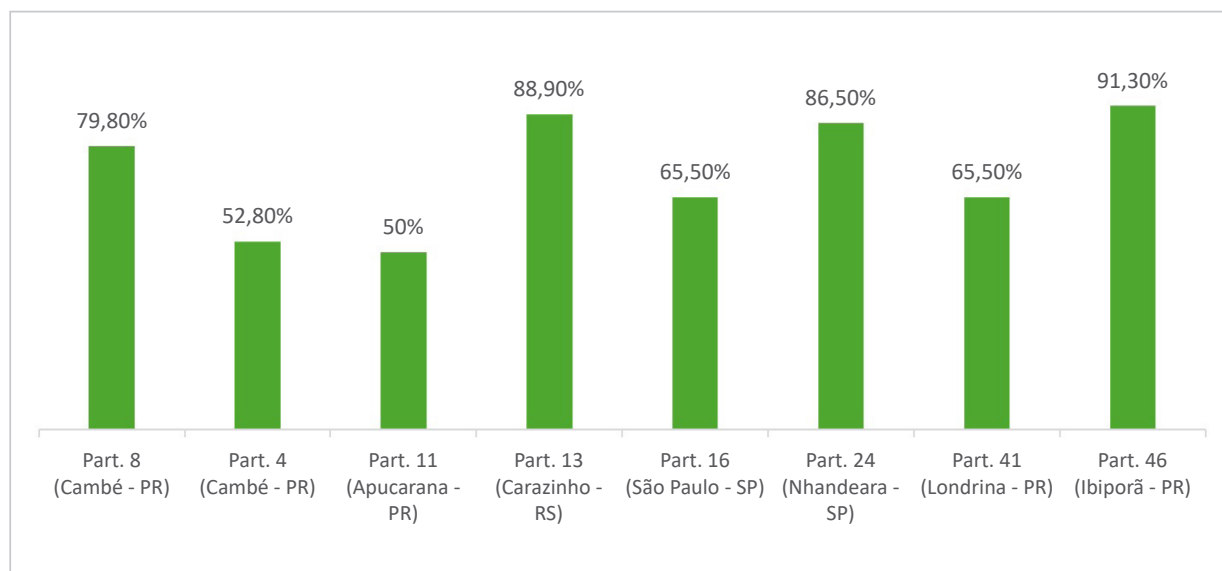
**Fonte:** próprias autoras com base nos dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos.

A partir dos resultados apresentados no quadro acima, nota-se que a variável sexo feminino (P. R. 0.742) favorece a apócope do rótico em coda externa. Os resultados assemelham-se aos expostos nos trabalhos de Callou, Moraes e Leite (1997), que trazem altos pesos relativos para a aplicação da regra de apagamento correlacionada ao fator sexo feminino em uma das capitais estudadas (Recife), porém se afastam das conclusões de Fernandes (2020), que não apontam a variável sexo como significativa para a não realização dos róticos.

Se considerarmos que as mulheres são inovadoras no uso de variantes não estigmatizadas e conservadoras quando se trata de variantes de maior prestígio (Labov, 2008), podemos levantar como hipótese que o alto percentual de apagamento da variante retroflexa indica que esse processo fonético-fonológico não é marcado e, além disso, pode ter mais prestígio do que a referida variante, que ainda é estigmatizada por alguns como uma das marcas do falar caipira.

Por fim, o Gráfico 1 apresenta o apagamento dos róticos na fala de cada participante.

**Gráfico 1** - Apagamento dos róticos em coda silábica conforme a variável participante.



**Fonte:** próprias autoras com base nos dados do Projeto Covid-19: Experiências e Relatos.



Com os resultados apresentados no Gráfico 1, notamos que os percentuais mais expressivos de apagamento ocorreram na fala dos participantes 46 (91,30%), 13 (88,90%), 24 (86,50%) e 8 (79,80%). Dos percentuais acima de 80%, todos são de informantes pertencentes à primeira faixa etária (até 30 anos) e os dois maiores percentuais (91,30% e 88,90%) são de entrevistadas do sexo feminino. Já o percentual de 79,80% corresponde ao apagamento na fala de uma informante do sexo feminino da segunda faixa etária (de 31 a 50 anos).

É importante observar que os percentuais mais baixos (50% e 52,80%) referem-se aos participantes 11 e 8, respectivamente, ambos do sexo masculino e da segunda faixa etária. Os percentuais intermediários de 65,50% correspondem ao apagamento no falar de um informante do sexo masculino da terceira faixa etária (acima de 50 anos), e de uma informante do sexo feminino da segunda faixa etária.

A partir dessas informações, podemos afirmar que a faixa etária mais baixa colaborou para a aplicação da regra de apagamento, resultado também observado por Monaretto (2013), quanto ao falar das capitais do Sul do Brasil, em relação à faixa etária mais jovem como favorecedora da queda do segmento rótico. Conclusão que difere daquela referente ao falar portuense, sobre o qual Fernandes (2020) verificou um baixo índice de não realização na fala dos jovens. O Gráfico 1 também mostra o favorecimento da variável sexo feminino na aplicação da regra de apagamento, tendo em vista que das quatro informantes mulheres, apenas uma está com percentual mais baixo (Participante 16 - 65,50%).

Essa atuação das variáveis sexo e faixa etária também foi observada em Santa Catarina por Almeida e Kailer (2020) em um estudo com dados do ALiB. Segundo as autoras, apesar de o apagamento dos róticos em coda silábica externa de verbos em contexto menos monitorado ser uma regra independente do sexo dos participantes, as mulheres e os mais jovens são aqueles que menos realizam o referido segmento, pois das 376 ocorrências com possibilidade de róticos em coda silábica de

verbos, 367 foram de apócope e apenas nove de realização desse segmento. As autoras destacaram que todas essas realizações foram produzidas por homens entre 50 e 65 anos de idade.

Mais uma vez, podemos reforçar a hipótese, já discutida no Quadro 4, de as mulheres possivelmente estarem, mesmo que intuitivamente, mais atentas à saliência da variante retroflexa, “r caipira”, em coda externa de verbos.

## Conclusões

Finalizamos o presente artigo certas de que, apesar de termos trabalhado com uma amostra pequena (438 ocorrências) de apenas oito habitantes de Londrina, com o ensino superior completo, ligados à área da educação, ou seja, falantes cultos da língua portuguesa, atingimos nossos objetivos e tivemos resultados que trazem importantes contribuições para a descrição dos róticos do Português Brasileiro. Pudemos verificar, com base nas análises dos resultados e das revisões teóricas apresentadas, que muitos contextos que favorecem o apagamento dos róticos, no falar desse grupo de londrinenses, já foram observados por outros autores em outras localidades brasileiras como, por exemplo, os contextos linguísticos de coda externa de verbos, de vogais não arredondadas e os contextos sociais, como, por exemplo, o sexo feminino e a faixa etária dos mais jovens.

Em relação aos contextos extralinguísticos, verificamos que as mulheres e os participantes mais jovens favorecem o uso do apagamento dos róticos em coda externa de verbos. Hipotetizamos que o estigma carregado pela variante retroflexa de “r caipira” possa ser mais “perceptível” para as mulheres que, no intuito de evitar o preconceito, mesmo que inconscientemente, apagam a referida variante. Quanto ao predomínio da apócope dos róticos em coda silábica externa de verbos na fala dos mais jovens, compreendemos que possa ser um indício de mudança em progresso. Tanto a primeira quanto a segunda hipóteses devem ser investigadas a partir de um *corpus* ampliado para que possam ser comprovadas.

Por fim, destacamos que estudos futuros sobre o falar londrinense, a partir de um *corpus* mais robusto em número de participantes, possam ajudar a responder as seguintes perguntas que o presente estudo suscita: 1) De fato há uma mudança em progresso quanto ao uso da apócope em coda silábica no falar londrinense?; 2) A regra de apagamento proposta por Callou, Moraes e Leite (1997) (anteriores – posteriores – aspiradas e apagamento) não se aplica para as regiões onde predominam as variantes tepe, vibrante múltipla e retroflexa?; 3) O apagamento em coda externa de verbos teria mais prestígio do que a variante retroflexa?; 4) O uso do retroflexo seria mais marcado nesse contexto e possibilitaria o preconceito linguístico?; 5) Mesmo diante das tentativas de combate ao preconceito linguístico, a variante retroflexa ainda é considerada marcada e estigmatizada no falar brasileiro?

## Referências

- ABAURRE, Maria Bernardete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (org.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.
- ALMEIDA, Édina de Fatima de; KAILER, Dircel Aparecida. As variantes róticas em coda silábica no interior de Santa Catarina. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira (Org.) *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore (org.). *Gramática do português falado VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1997. p. 465-493.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.
- FERNANDES, Auricélia Alencar da Silva. *A representação do R em coda medial e final na fala dos portuenses*. 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2020. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4004>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- KAILER, Dircel Aparecida. Erre /R/ para aprender e ensinar mais sobre os róticos no português brasileiro. In: KAILER, Dircel Aparecida; MAGALHÃES, José; HORA, Demerval da (org.). *Fonologia e variação: diretrizes para o ensino*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 175-196.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LÓPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)*. 1985. Thesis (Ph. D.) - University of California, California, 1985.
- MACIEL, Suely Claudia Lobato; ALMEIDA, Édina de Fatima de; KAILER, Dircel Aparecida. O Retroflexo em dados do estilo monitorado do ALiB: uma análise da leitura em sete cidades paulistas. *Signum: Estudos da Linguagem, Londrina*, v. 24, n. 3, p. 117-128, 2021. Doi: 10.5433/2237-4876.2021v24n3p117.
- MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/14768>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- OLIVEIRA, Carolina Cardoso. *Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol: um estudo comparativo*. 2006. 175 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora*, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014.

RENNICKE, Iris. Representação fonológica dos róticos do português brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 2016.

ROCKENBACH, Lívia Majolo; BATTISTI, Elisa. Produção e percepção do apagamento variável de /R/ em coda silábica no Português de Porto Alegre (RS). *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 4, e426, 2021.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

*Recebido em: 24 out. 2023*

*Aceito em: 5 dez. 2023*

